



**Erin
Lyon**

MUITO
mais do que
AMIGOS

*Um romance hilariante e sexy
sobre as consequências do amor...
e as suas surpresas!*

**TOP
SEL
LER**

*Para ti, Stephen, por falares a nossa língua secreta,
feita de citações de filmes e piadas do Jim Gaffigan,
por me ensinares a apreciar de igual modo a beleza de Rush
e MST3K e, bem, porque és o amor da minha vida.*

CAPÍTULO 1

Dia de mudança. Um novo começo. Olhei pela janela da minha nova casa arrendada e senti uma onda de excitação ao pensar que voltara finalmente a ter uma casa minha. Os meus pais são fantásticos, mas mudar-me para a casa da mãe e do pai aos 34 anos, depois de uma separação inesperada, não é, *de todo*, fantástico.

O Dave e eu estacionámos em frente ao meu novo apartamento, com a carrinha carregada com os meus pertences, e os meus pais pararam atrás de nós, junto do passeio. A carrinha do meu pai trazia o resto da minha tralha.

Eu e o Dave ainda não faláramos decentemente desde que ele me fora buscar ao bar na noite anterior. Sim, depois de eu sair disparada porta fora, com aquele ataque de ciúmes irracional causado pela possibilidade de o Adam se embrulhar com outra mulher. Na altura em que conhecera o Adam, ele andava atrás de mim por eu não estar disponível. E, quando fiquei subitamente *disponível* e deixei de me enquadrar nas suas preferências — sem compromissos —, ele quis que continuássemos amigos.

No início, claro que o achei bonito, mas não me impressionou muito. Até que nos tornámos *amigos*, e o Adam me brindou com uma nova e impressionante versão de si mesmo que me pareceu, a modos que, irresistível.

Por isso me fora embora com o Dave na noite anterior, deixando o Adam no passeio a ver-me entrar na carrinha dele. Paralisado enquanto eu partia.

O que me levava a acordar nessa manhã, decidida a fazer-lhe o mesmo.

Olhei para o Dave com um sorriso apatetado de orelha a orelha, e comecei aos saltinhos no banco do carro.

O Dave riu-se baixinho. O seu cabelo louro estava perfeitamente penteado, mas tinha uma penugem clara no rosto, como se não tivesse feito a barba nessa manhã. Ele sorriu ao ver o meu entusiasmo, revelando uns dentes demasiado perfeitos (resultantes de uma breve e infeliz incursão na equipa juvenil de hóquei, e não de um gesto de vaidade associado ao facto de ser um conhecido comentador desportivo da estação de notícias local, como a princípio suspeitei). Hoje tinha aquele ar de típico rapaz americano, como um lobo em pele de cordeiro, embora eu ainda não tivesse formado uma opinião definitiva a esse respeito.

O *Mercedes* da Sandy, a minha senhoria, estava já estacionado do lado oposto da rua. A Sandy estava nos degraus da entrada, com um ar fresco e clássico, mesmo de calças de ganga. Tinha vestida uma blusa branca, com os punhos largos dobrados para cima, e calçara uns velhos mocassins castanhos, que tinham um ar clássico, ao invés de antiquado.

O cabelo negro, com finas madeixas brancas, estava puxado para trás com uma fita. Dificilmente se poderia esquecer de que era mãe do Adam, com aquela invulgar combinação de cabelo escuro e olhos verdes-claros. *Raios*.

Fui ao seu encontro e ela deu-me um grande abraço. Os meus pais seguiram-me e eu fiz as apresentações.

A Sandy destrancou a porta principal e nós entrámos atrás dela, parando no hall de entrada. Agora eu tinha um hall de entrada. Um hall de entrada minúsculo, mas era meu.

— Oh, Kate — disse a minha mãe. — Isto é perfeito.

Eu dirigi-lhe um sorriso e pendurei um braço sobre os seus ombros.

— Eu sei! — respondi, sem esconder o meu entusiasmo. Ela abraçou-me pela cintura e retribuiu-me o sorriso com um par de olhos azuis iguais aos meus. A Sandy e o Adam eram, sem dúvida, mãe e filho, mas eu era uma réplica perfeita da minha mãe. É certo que era um pouco mais alta e mais magra do que ela, mas o cabelo castanho e os olhos azuis-claros não deixavam qualquer espécie de dúvida sobre o elo que nos unia.

Voltámos a sair e começámos a descarregar a carrinha, tirando primeiro as coisas maiores. O meu pai e o Dave voltaram a entrar com o meu colchão, subindo diretamente para o primeiro andar. Eu agarrei no caixote mais próximo, que dizia «cozinha» e achei que poderia começar a levar os caixotes para as respetivas divisões enquanto os homens carregavam as pesadas peças de mobiliário. Entrei com o enorme caixote, segurando-o de uma forma um pouco desajeitada.

Ao levá-lo para a cozinha, sorri para comigo mesma. A vida estava a correr-me bem.

E depois aconteceu — um daqueles momentos ao estilo dos desenhos animados *Looney Tunes*. Num momento estava de pés bem assentes no chão, no momento seguinte dei comigo de pernas para o ar. É fantástico como o tempo abranda quando estamos a cair — seria, aliás, uma pena perdermos um momento que fosse da queda — e eu tive tempo suficiente para admirar o meu voo e pensar na dor que iria sentir ao estatelar-me no soalho de madeira.

Doeu bastante. Felizmente fui capaz de empurrar a caixa para o lado, para que esta não me caísse em cima. *Whoosh!* Fiquei completamente sem ar nos pulmões. Comecei a ver pontinhos cinzentos no meu campo de visão e ali fiquei, estatelada no chão, meio aturdida.

A primeira coisa que vi foi a Sandy a ajoelhar-se junto de mim, de olhos verdes arregalados.

— Oh, meu Deus! Kate, estás bem?

A Kate não pode vir ao telefone neste momento. Terá de deixar uma mensagem.

Depois foi a vez da minha mãe, do meu pai e do Dave perderem a cabeça, e começarem a falar em chamar uma ambulância.

Diz alguma coisa, Kate, antes que alguém comece a tentar fazer-te manobras de reanimação.

— Eu estou bem, estou bem, estou bem. — Perfeito. Para quê poupar nas palavras, quando se pode dizer a mesma coisa três vezes?

O meu pai estava a olhar para mim, com as suas fartas sobrancelhas franzidas sobre os olhos cinzentos.

— Tens a certeza?

A minha mãe pousou um braço sobre o ombro do meu pai.

— Talvez fosse mesmo melhor chamarmos uma ambulância, Jeff.

Merda. Era altura de pôr fim àquele pequeno momento de histeria. Respirei fundo e levantei a cabeça do chão. Até então, tudo bem. Quando levantei os ombros, o meu pai e a Sandy ampararam-me as costas e ajudaram-me a sentar. O Dave estava junto dos meus pés e agarrou-me numa das mãos quando me sentei. Estava de sobrolho franzido e lábios cerrados.

— Eu estou bem — repeti.

— Tens a certeza? — disse a Sandy, que parecia à beira de um ataque de lágrimas. — Acho que deverias ser examinada.

Eu abanei a cabeça. Quem me dera não o ter feito. Senti uma pontada na nuca e voltei a ver pontos cinzentos saltitarem-me diante dos olhos.

— A sério que estou bem — disse eu. — O problema é que sou uma desastrada.

— Lamento muito, Kate. O pessoal da limpeza deve ter colocado uma cera qualquer no chão. Lamento *imenso*.

Eu agarrei-lhe na mão e sorri:

— A culpa foi minha. — Mexi os meus velhos *Converse Chuck Taylor*. — Estes ténis são tão velhos que estão completamente lisos por baixo. Devia ter calçado outra coisa.

A Sandy abanou a cabeça, com um ar pouco convencido.

— Talvez fosse melhor levar-te ao hospital — disse o Dave. — Podes ter sofrido um traumatismo.

— Não tenho traumatismo nenhum — acalmei-os, embora desta vez tenha tido cuidado ao mexer a cabeça.

O meu pai chamou a minha mãe para o seu lado.

— Deanna, fica aqui sentada com ela. Dave, vamos buscar o sofá, para ela ter onde se sentar, e podermos levantá-la do chão.

— Eu faculto-vos os dados da minha apólice de seguro — disse a Sandy.

— Sandy, por favor, não se sinta responsável por isto. Eu tenho tendência para sofrer acidentes.

— Tem mesmo — confirmou a minha mãe, juntando-se à conversa.

A Sandy levou a mão ao meu cabelo e afastou-mo delicadamente da testa, fitando intensamente o meu rosto. O gesto foi tão terno e maternal que me derreti toda por instantes, sorrindo-lhe com a cabeça inclinada. Ela acabou por me retribuir o sorriso.

Os homens trouxeram o sofá para dentro, e depois os quatro pareciam determinados a ajudar a minha miserável pessoa a levantar-se do chão.

— Pessoal. Eu estou mesmo bem — repeti eu, sentindo-me como um disco riscado.

A minha mãe colocou-me uma almofada atrás das costas quando me sentei, e o Dave levantou-me os pés e pousou-os sobre o sofá, por isso fiquei parcialmente recostada. Creio que teria oferecido um pouco mais de resistência se não me tivesse sentido, subitamente, um pouco nauseada.

— Truz, truz — cantarolou a minha amiga Logek da entrada. Tinha o longo cabelo louro preso num rabo de cavalo e usava uma t-shirt cor-de-rosa lisa e umas calças de ganga com rasgões em ambos os joelhos. Entrou e arqueou as sobranceiras, ao ver-me estendida no sofá. — O que perdi eu?

— A Kate deu uma queda grave — respondeu o meu pai.

— Não foi assim tão grave — disse eu.

A minha mãe virou-se para a Logek e acenou-lhe com a cabeça, concordando com o meu pai.

— Tu sabes que eu te estou a ver, não sabes? — perguntei-lhe eu.

A minha mãe encolheu os ombros.

A Logek olhou para mim e depois para os meus pés.

— Eu disse-te para deitares fora esses ténis, Kitty Kat. São uns autênticos patins.

Como aquela malta parecia estar a precisar de uma qualquer prova conclusiva, pousei os pés no chão à minha frente, e sentei-me direita. Sentia um ligeiro formigueiro na ponta dos dedos, mas estava, sem dúvida, inteiramente funcional. Não quis levantar-me logo, pois achei que havia 50 por cento de probabilidade de cair desmaiada no chão, mas foi o suficiente. Eles pareceram dar-se por satisfeitos ao verem-me sentada, com um ar desperto e alegre.

Todos pareciam estar a sentir-se melhor, exceto o Dave, que continuava a olhar-me de sobrolho franzido, com um ar pensativo.

— Podes ter sofrido um traumatismo — repetiu ele.

— Não tenho traumatismo nenhum.

Ele encolheu os ombros, mas não parecia muito convencido. Azar. Estava completamente fora de questão ir para as urgências.

Sorri alegremente para toda a gente:

— OK, chega de preguiça. Tratem lá de me fazer a mudança.

A observação valeu-me algumas gargalhadas e sorrisos, e todos voltaram a mexer-se com um propósito em mente.

A Logek aproximou-se do caixote que eu desviara, em benefício do meu bem-estar, agora tombado e um pouco amolgado. Endireitou-o, cortou a fita adesiva e abriu-o. Olhou lá para dentro e sorveu o ar entre os dentes.

— Queres saber o que estava aqui dentro?

— Não.

Magnífico. Arqueei-lhe as sobancelhas:

— Força. Eu aguento.

Tirou um pedaço de jornal do caixote e estendeu-o no chão junto deste... sem dúvida para pousar nele os cacos. Eu suspirei.

Ergueu um grande pedaço de vidro, que só momentos depois identifiquei. Era parte de um copo de vinho. Os meus copos de vinho preferidos. As taças com as pintas de girafa. Eram tão engraçadas. Bolas.

Continuou a tirar cacos dos copos de vinho. Contámos cinco copos partidos, do meu conjunto de seis. Depois o seu rosto

iluminou-se e ela tirou o sexto copo intacto, de dentro do caixote. Não devia tê-los embalado convenientemente. Mas também não esperava atirar com o caixote uns dois metros pelo ar.

— Temos um sobrevivente — disse eu, ao ver a Logek girar o pé do copo de vinho entre os dedos.

— Oh, não! — disse a Sandy, ao perceber que estávamos a inventariar os estragos resultantes da minha queda.

— Não é grave — disse eu. — Comprei-os na Pottery Barn. Não eram propriamente peças de fina porcelana chinesa.

— Deve ser a Sandy — exclamou a Logek, erguendo-se num salto para lhe apertar a mão. — Eu sou a Logek, a melhor amiga da Kate.

— Muito prazer em conhecer-te — disse a Sandy.

— Já sei que é a mãe do Adam.

Merda. Esperava conseguir chegar ao fim do dia sem ter de ouvir o nome dele e achei que a Logek chegaria a essa mesma conclusão, uma vez que sabia que eu saíra disparada do bar na noite anterior, depois de ter visto o Adam em modo «quebra-contratos». Voltei a visualizar, por instantes, a mulher pequena e sensual abraçada à cintura do Adam, com a pena matrimonial — sinal inequívoco de que tinha contrato assinado — pendurada na pulseira. Teria de me esforçar um pouco mais por o esquecer.

— Sim — disse a Sandy, com um sorriso de mamã orgulhosa. — Também conhece o Adam?

— Apenas através da Kate, mas conheço, sim.

— Onde estará ele? — disse a Sandy, olhando de relance para a porta principal. — Eu disse-lhe que queria que ele ajudasse na mudança.

A Logek apercebeu-se (finalmente) do meu olhar glacial, e respondeu prontamente:

— Devia ter coisas para fazer hoje. De qualquer forma, ajuda não nos falta.

A Sandy encolheu vagamente os ombros. O Adam iria certamente ouvi-las mais tarde. A mamã não parecia nada satisfeita com a ausência dele.

— Bom, o melhor é começar a fazer alguma coisa — disse a Logek.

— Eu também — disse eu, preparando-me para me levantar do sofá.

— Ah, não. Você não, Kate — disse a Sandy.

— Ainda estás um pouco pálida. Fica mais um bocadinho sentada e depois logo vêes como te sentes — disse a Logek.

Eu recostei-me no sofá e fiquei a vê-los montar animadamente o meu pequeno apartamento, sem a minha ajuda. A minha mobília adequava-se perfeitamente, e as peças de decoração pareciam ter sido expressamente compradas para aquele apartamento. Aparentemente os meus gostos eram muito semelhantes aos da Sandy. As minhas coisas eram uma mistura do clássico com o rústico, o que se conjugava na perfeição com o soalho de madeira e eletrodomésticos antigos da cozinha. Não era de admirar que aquele fosse o apartamento de arrendamento preferido da Sandy, pois o seu estilo encantadoramente clássico e elegante era a cara dela. Por instantes custou-me até a acreditar que aquele fosse realmente o meu apartamento, e não creio que a dúvida decorresse do facto de ter ido de cabeça ao chão. Graças a Deus.

O meu pai e o Dave desceram do primeiro andar.

— A mobília já está toda arrumada lá em cima — disse o meu pai. — A Logek está a arrumar a tua roupa. Não te importas, pois não?

Eu dei uma gargalhada. Essa questão nem se colocava. A Logek conhecia as minhas roupas tão bem como as suas, e há 20 anos que entrava no meu roupeiro. Em 20 anos aprende-se muito sobre as técnicas de organização de alguém. O meu pai piscou-me o olho e voltou a sair com o Dave.

Eu levantei a cabeça das costas do sofá, pois tinha quase a certeza de que estava a ficar com um grande galo na cabeça. O telemóvel ao meu lado vibrou.

É verdade que caíste e que podes ter sofrido um traumatismo?

Era o Adam. Fiz por ignorar as borboletas no estômago, pois achei que não devia estar a senti-las.

Não tenho traumatismo nenhum.

Tens a certeza?

Não.

Sim. Estou ótima.

Deixo-te um dia sozinha e quase rachas a cabeça ao meio.

Estou certa de que me teria estatelado mesmo contigo aqui.

Isso é reconfortante.

Quem te contou?

A minha mãe.

Ela está a sentir-se tão mal, mas não teve culpa nenhuma. Diz-lhe.

Eu disse-lhe. Expliquei-lhe que tu és das pessoas mais desastradas que conheço.

Devo agradecer?

LOL. Bom, é um facto que ontem à noite tropeçaste no tapete, à saída do bar.

Uau. A sério? Estamos a falar da minha saída repentina (e desajeitada) de ontem à noite? Olhei para o telemóvel. Não consigo. Não consigo falar do que se passou ontem à noite.

Kate?

Não.

O Dave entrou com a minha mesinha de centro, pousou-a em frente ao sofá e sentou-se ao meu lado.

— Obrigada.

— Não tens de agradecer — disse ele, inclinando-se para mim e beijando-me. Nada de muito indecente, uma vez que os meus pais andavam por ali. Limitou-se a encostar levemente os lábios aos meus. Quando se chegou para trás, eu olhei de relance para a cozinha e vi a Sandy a observar-nos. Parecia desapontada. Talvez o Adam tivesse razão em dizer que ela tinha esperança de ver-nos juntos. Iria certamente sofrer bastantes deceções, se achava que conseguiria juntar o Adam com quem quer que fosse.

A Logek desceu as escadas a galope, como se tivesse molas nos pés, e sentou-se na mesinha de centro, em frente a mim e ao Dave.

— O roupeiro está arrumado, senhora — disse ela, curvando ligeiramente a cabeça.

— Muito agradecida.

— Da próxima vez que tiver de me mudar, farei o possível por torcer um tornozelo — disse ela, acenando resolutamente com a cabeça.

— Sim, a minha humilhante queda era parte do meu superplano para não ter de fazer a minha própria mudança.

Ela riu-se baixinho e olhou para o Dave.

— Então, Dave, que tal vai isso?

— Bem — disse ele, olhando para o relógio. — Vou ter de ir para a estação não tarda nada.

— Obrigada pela ajuda — disse-lhe ela.

Ele inclinou a cabeça para mim.

— Passei tanto tempo a irritá-la que tinha de fazer alguma coisa para continuar a merecer a sua simpatia. — Dito isto, beijou-me o alto da cabeça, como percebi que costumava fazer quando tentava ser querido. E apaziguador.

A Logek deu uma gargalhada.

— Se tentares não a irritar tanto, talvez não tenhas de te esforçar tanto.

— Aí está uma ideia interessante — disse o Dave, olhando para mim e voltando a encarar a Logek. — Não achas que fazemos um belo par? — perguntou-lhe ele, colocando os braços à volta dos meus ombros.

No dia em que conhecera o Dave, duas semanas antes, tomara-o por um *playboy* assumido, que levava mulheres para a cama como se de um desporto olímpico se tratasse. Mas, quando me apercebi das tretas dele (e o confrontei com elas), acabámos por apreciar, de alguma forma, a honestidade irrestrita a que ficámos reduzidos. Por isso começámos a sair juntos, e, embora no início ele declarasse abertamente que o seu objetivo era levar-me para a cama, há cerca de uma semana as coisas sofreram uma reviravolta. Agora dizia que queria ter uma relação de exclusividade comigo, o que me parecia uma loucura. Especialmente porque eu não acredito totalmente na sua sinceridade. Não parava de me questionar se aquilo não faria parte do seu jogo. Por isso, ao ouvi-lo falar de novo na história da relação, revirei os olhos.

A Logek sorriu.

— Uau. Tu tens realmente jeito para a irritar.

O Dave olhou imediatamente para mim, ainda a tempo de apanhar o meu olhar fixo nele. Então, resolveu piorar ainda mais as coisas, dizendo brandamente, todo ele ternura e sensibilidade (provavelmente para inglês ver):

— Eu só quero estar contigo. Não entendo porque é que isso é um problema.

A única coisa que aquela demonstração de ternura produziu em mim foi uma enxurrada de sentimentos contraditórios que me fez sentir lisonjeada e desconfiada ao mesmo tempo.

Ele puxou-me contra si e voltou a beijar-me, desta vez com renovado entusiasmo. Antes que ele se entusiasmasse demasiado, afastei-me e inclinei a cabeça à Logek, que continuava sentada à nossa frente com um ar extremamente divertido. Depois de eu me afastar, ele largou-me e levantou-se.

— Tenho de ir andando, querida. Logek — acrescentou o Dave, inclinando-se e abraçando-a rapidamente —, é sempre um prazer ver-te.

— Igualmente — disse ela, com um sorriso um pouco inquisidor. Ouvi o Dave a lambar as botas — isto é, a despedir-se — aos meus pais e à Sandy. Depois disso, acenou uma última vez e saiu.

*

Os meus pais já tinham saído há horas com a Sandy, e eu e a Logek estávamos sentadas na minha cozinha com um copo de vinho.

— Parabéns. Estás uma rapariga crescida — disse ela olhando rapidamente em redor, a admirar a minha nova casa.

Eu sorri.

— Muito obrigada.

— Como está a cabeça?

— Ainda um bocadinho dorida. Diz-me a verdade: os meus pais disseram-te para ficares comigo hoje à noite e me manteres acordada, para o caso de eu ter sofrido um traumatismo?

— É uma possibilidade.

— Já calculava. Tinhas alguma coisa combinada para hoje à noite?

Ela começou a brincar com o copo de vinho... Parte de um conjunto de copos desirmanado, uma vez que os copos com as pintas de girafa se tinham partido quase todos. A sua postura evasiva só podia significar uma coisa: Derek. O homem que em tempos fora o amor da sua vida e que se tornara o Derek quebra-corações; o homem que violara o contrato entre ambos, dormindo com outra mulher, e que agora estava de regresso arrependido e cheio de sinceros pedidos de desculpa; o homem que parecia ainda ser a pedra angular da Logek.

— Logek, eu não te vou julgar.

— Eu sei — disse ela, com um suspiro. — Sou eu que me estou a julgar a mim própria.

— Não te julgues. Não é fácil romper com velhos hábitos.

— E achas que é por isso que eu ainda estou apaixonada por ele? Merda. Acenei-lhe com a cabeça.

— Parece-me ser mais do que um hábito.

— Aconteceu alguma coisa ontem à noite?

— Um beijo. Um simples beijo foi suficiente para não responder a nenhuma das mensagens que o Daniel me mandou hoje.

O Daniel, o tipo novo com quem ela começara a sair recentemente, e que parecia estar prestes a reforçar o estereótipo de que os homens decentes ficam sempre para trás. Eu não sabia o que lhe dizer.

— Eu sou uma pessoa horrível — disse ela, num tom prosaico.

— Não, não és — disse eu.

— Sou sim. Vou destroçar o coração do Daniel sem nenhuma razão válida.

— Vá lá! Se o puseste de parte com tanta facilidade não podias estar a levá-lo muito a sério. Talvez seja preferível teres percebido isso agora do que depois de o andares a enrolar mais seis meses. Além disso, talvez o Derek *tenha* mudado.

— Parece ter mudado, mas ambas sabemos que eu nunca fui grande coisa a avaliar o caráter dele.

— Então vai devagar. Troquem mensagens, falem ao telefone. Evita voltar a mergulhar de cabeça numa relação física com ele. Avalia até que ponto ele te parece dedicado.

Ela bebeu um grande gole de vinho. Os seus olhos azuis estavam brilhantes. Eu agarrei-lhe na mão.

— Porque estás a chorar? O amor da tua vida voltou, de repente, a aproximar-se de ti e quer estar contigo. Pode dar certo. — Quem me dera acreditar naquilo. *Prova-me que estou enganada, Derek. Por favor, por favor.*

Ela fungou.

— Pois pode. — Percebi, pelo seu tom de voz, que acreditava tanto nisso como eu. Porém, estava disposta a deixar-se atrair de novo por ele, como se ele fosse um violento furacão ao qual poderia sucumbir, e sobre o qual não tinha qualquer espécie de controlo. O amor é uma boa merda.

O telemóvel dela vibrou e ela olhou para o ecrã. Respondeu à mensagem e olhou para mim com um sorriso.

— Disse-lhe que estava de vigília a um traumatismo.

— Ainda bem que a minha tendência para o desastre se manifestou para te salvar de ti própria esta noite.

— Pois. E amanhã, como vai ser?

Eu ri-me.

— Pensaremos em qualquer coisa.

— Sabes que eu podia fazer-te a mesma pergunta. O amor da *tua* vida quer estar contigo. O que te está a impedir de voltares para ele?

O amor da *minha* vida, o Jonathan, virara a minha vida de pantanas há um mês, ao informar-me de que não queria renovar contrato, uma vez terminados os nossos sete anos, coisa que eu estupidamente dera por garantida. Nem sequer considerara a hipótese de viver sem ele. Ao que parece, convencera-se de que eu não me importaria de fazer uma *pausa* de alguns anos no nosso contrato para nos voltarmos a unir mais tarde e envelhecermos juntos, ou algo do género.

Depois de passar algumas semanas a cuidar do meu coração despedaçado e a planear a minha nova vida de solteira, o Jonathan voltara a desconcertar-me, dizendo-me que cometera um grande erro e perguntando-me se eu queria voltar a assinar contrato com ele.

Olhei para a Logek e encolhi os ombros.

— Não tenho resposta para isso. Suponho que me esteja a ser difícil superar a dor e a desilusão.

— Nem faço ideia do que isso é — disse ela, de forma sarcástica.

— Pois é — disse eu, torcendo o nariz. — Desculpa. A tua separação ganha. Ou perde, não sei. Como a conseguiste ultrapassar?

— O Derek é como a minha droga. Terrível para a minha saúde, mas irresistível. Não ultrapassei coisa nenhuma.

— Mas continuas disposta a dar-lhe uma segunda oportunidade.

— Escapou-te a metáfora da droga?

*

Como a minha queda tinha sido às 9h30 da manhã, às 2 horas da madrugada do dia seguinte eu e a Logek concluímos que eu estava safe dos efeitos colaterais do traumatismo, e ela foi para casa

(radiante pelo facto de eu agora viver a apenas cinco minutos de sua casa, em vez de a quarenta).

Subi as escadas do meu novo apartamento e entrei no meu quarto. A cama estava exatamente no sítio onde eu a teria posto, e as minhas tralhas estavam já perfeitamente dispostas sobre as minhas cómodas. Não quero com isto dizer que seja boa ideia *tentar* arranjar um traumatismo no início de uma mudança... apenas que é incrível que tudo apareça feito, sem qualquer espécie de intervenção da nossa parte.

Depois de lavar os dentes, fui para a minha cama, impecavelmente feita com roupa lavada. De vez em quando ouvia o ruído de um carro a passar na minha rua. Bem-vinda à cidade. Nos subúrbios, onde os meus pais moravam, não havia trânsito fora de horas, lá isso é verdade. Mas eu já não estava nos subúrbios, e havia algo de excitante no facto de estar de regresso à cidade.

É claro que essa excitação era, em parte, o motivo por que estava a olhar para o teto (e para o relógio) às 3 horas da manhã. Dessa insónia, 20 por cento devia-se a estar numa casa nova, uns 30 por cento a preocupações relacionadas com o trabalho e os restantes 50 a problemas com homens. Sentia a falta do Jonathan. Sentia mais a falta dele agora, na minha própria cama, no meu novo apartamento, do que durante o mês que passáramos separados. Sempre que me sentia confusa, ele era a única coisa que me fazia sentido na vida.

Tirei o telemóvel da mesa de cabeceira e olhei para ele, pensativa. Que se lixe. Ele também só verá a mensagem de manhã. Não tem mal nenhum.

Comecei a escrever uma mensagem para o Jonathan, mas o telemóvel vibrou-me na mão com a receção de uma mensagem (e sou bem capaz de o ter deixado cair com o susto — ora bolas).

Era o Dave, naturalmente.

Olá, linda. Não estou a conseguir dormir. Voltei para casa depois do jogo de basquetebol que fui cobrir, fiz algum exercício, vi um pouco de televisão e pensei em ti. Sei que já deves estar a dormir e só amanhã verás a mensagem. Queria apenas dizer-te que

gostava que aqui estivesses. Acho que, se pudesse abraçar-te agora, conseguiria adormecer imediatamente.

Fiquei ali, deitada às escuras, a olhar para aquela mensagem, a tentar entender aquilo, mas é claro que o sono me apanhou muito antes da razão.

CAPÍTULO 2

Na manhã seguinte, levantei-me e fui fazer café. Junto da cozinha havia uma pequena porta, que dava acesso a um alpendre e a um pátio minúsculos. Abri a porta e deixei entrar o ar da manhã na cozinha.

Deitei um pouco de café numa caneca, fui para a sala de estar, e olhei em redor. Eu nunca vivera sozinha. Eu e a Logek partilhámos casa até eu assinar contrato com o Jonathan... e, depois de sair de casa dele, fui viver de novo com os meus pais. Era um pouco estranho ter 34 anos e só agora estar a viver sozinha.

Ouvi bater à porta e olhei para o relógio por cima da lareira. Eram 9h15. Eu estava com as minhas habituais calças de ioga e um top de alças... mas sem soutien. Pensei se deveria abrir a porta ou não, consciente de que os meus mamilos se viam claramente através da blusa. Que se lixe.

Abri a porta e a surpresa que senti estava estampada no meu rosto. O Adam estava parado à porta, de sobrolho ligeiramente franzido, com um ar abalado, absolutamente delicioso. O cabelo, um pouco comprido demais, deixava adivinhar ligeiras ondulações. Os seus olhos pareciam muito verdes, em contraste com a sua pele bronzeada. Estava a usar uma t-shirt branca lisa, justa nos sítios certos, calças de ganga e sapatos de pele pretos. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos da frente enquanto me olhava de cima. Apesar de eu ter

um metro e oitenta, a distância parecia-me sempre enorme quando estava descalça.

— Bom dia — disse ele, cautelosamente. Eu não sabia bem o que fizera para o irritar, tirando o facto de me ter remetido ao silêncio no dia anterior.

— Bom dia.

Seguiu-se um silêncio constrangedor

— Queres entrar? — perguntei eu finalmente, desviando-me da frente da porta.

Ele entrou e olhou para a sala de estar, voltando depois a virar-se para mim.

— A casa está muito bonita — disse ele friamente.

— Obrigada.

Mais silêncio. Que divertido. Dir-se-ia que estávamos a medir forças, para ver quem era mais teimoso. P.S.: A teimosia não é o meu forte.

— Pareces perturbado — disse eu.

— Bom palpite.

— Foi por eu não ter respondido às tuas mensagens de ontem?

— Por fugires na sexta-feira e por me ignorares ontem.

— Ah, bom.

— Importas-te de me explicar porquê?

Não. Não quero tocar nesse assunto.

— Por motivo nenhum.

— Mentas pessimamente, Kate. Não vale a pena.

Eu encolhi os ombros. Infelizmente, senti um nó na garganta ao pensar nele, na rapariga, e na minha paixão absolutamente ridícula.

— Vamos sentar-nos — disse eu, enquanto me sento e inclino para a frente com os antebraços apoiados nas coxas.

Ele olhou-me por instantes e os seus lábios estremeceram com um sorriso quase impercetível.

— Não deves sentar-te nessa posição, com esse top vestido.

Eu baixei os olhos e percebi que lhe estava a dar uma magnífica perspetiva de toda a minha mercadoria, incluindo o umbigo.

Levei imediatamente a mão ao peito, ajustei a parte superior do top, recostei-me no sofá e ainda corei a título de bônus.

— Ups! — exclamei.

— Não me estou a queixar. Acho até que me esqueci da razão pela qual estava irritado contigo.

Eu ri-me, mas ainda conseguia sentir calor a irradiar-me do rosto. O Adam contornou a mesa de centro e sentou-se ao meu lado, de forma a ficar de frente para mim.

— Sinto que algo ficou por dizer na sexta-feira — disse ele —, mas tu foste-te embora e ontem paraste de me responder. Não gosto que me evites.

Eu suspirei longamente e senti o coração bater mais depressa. Acontece-me sempre isso quando estou prestes a ser desagradavelmente sincera com alguém. Porque a verdade assusta. Levei as mãos às faces. Ainda estava afogueada.

— Kate.

Eu virei-me para ele, dobrando as pernas por baixo do corpo.

— Eu estraguei tudo, Adam. Tu foste muito claro. Não podias ter sido *mais* claro sobre o facto de não queres uma relação, nem qualquer espécie de envolvimento emocional. Tu disseste-me que só querias que fôssemos amigos. — O sobrolho dele ficou carregado. — Só que não resultou. Isto entre nós — apontei para mim e para ele —, não resultou. Não consigo ser tua amiga.

Ele continuou a franzir o sobrolho e manteve-se em silêncio.

— Eu preocupo-me contigo, Adam.

— Eu também me preocupo contigo, Kate.

— Não. Eu preocupo-me *demasiado* contigo. Penso demasiado em ti. Desejo-te demasiado. — Sentia o peito mais apertado a cada palavra que proferia. Os olhos ardiam-me. Estava a afastá-lo de mim, mas estava a doer ainda mais do que eu imaginara.

— Eu também penso muito em ti. É evidente que me sinto atraído por ti, mas isso não significa que não possamos ser amigos.

— Para mim significa. Eu quero mais e não posso ter mais. Isso é desconcertante, frustrante... e doloroso.

Foi a sua vez de suspirar.

— Eu nunca quis magoar-te, Kate, simplesmente não me sinto capaz de manter esse tipo de relação. Não fui talhado para isso. Por isso tive o cuidado de ser sempre franco contigo.

Eu alcancei-lhe a mão e cobri-a com a minha.

— E foste. Eu sabia quais eram as regras. Ou melhor, a minha cabeça sabia, mas o meu coração é um chato e nunca lhe dá ouvidos. — Sorri. — Tu não tens culpa disto. Tu foste honesto. Mas nem sempre é nossa decisão escolher se vamos ou não sentir algo por alguém.

Ele estendeu-me a sua mão e agarrou a minha, acariciando-a delicadamente. Parecia triste. Como se não soubesse o que fazer a seguir.

— Lamento, Adam. Gostava muito de ficar tua amiga, mas não posso.

Ele agarrou-me firmemente na mão e puxou-me para si. Eu não ofereci grande resistência. *Porque, sejamos realistas, era o Adam que ali estava.*

Assim que me senti suficientemente perto, envolveu-me nos seus braços e puxou-me contra si. Eu inalei o seu odor, consciente de que sempre que cheirasse aquele sabonete (ou *aftershave*, ou lá que raio aquilo era) me iria lembrar dele.

Era estranho estar assim tão perto dele, entender o seu conflito interior, e ao mesmo tempo perceber que ele não iria mudar. Esse tipo de cedência estava fora de questão.

Ele agarrou-me no queixo e inclinou-me o rosto para cima, na direção do seu. Isto não é nada bom. Se ultrapassarmos esta linha, com as emoções à flor da pele como estamos agora, isto poderá dar seriamente para o torto. Talvez devesse parar com isto, mas não o vou fazer. Estou só a dizer que provavelmente *deveria*.

Ele beijou-me com a força e a agressividade do costume, segurando-me firmemente no rosto e apertando-me contra si com a mão nas minhas costas. A sua mão era tão grande que, embora me cobrisse quase por completo a face, continuava a agarrar-me firmemente no queixo. Passou-me a língua pelos lábios antes de a introduzir na minha boca e de a roçar suavemente na minha. Mordeu-me ao de leve o lábio

e sugou-o delicadamente com os seus lábios, voltando depois a deslizar a língua na boca.

As minhas mãos deslizaram dos seus ombros largos para o seu pescoço e os meus dedos mergulharam no cabelo da sua nuca. Quando ele me voltou a meter a língua na boca, eu suguei-a e, ao fazê-lo, as coisas começaram a aquecer. Ele deixou escapar um gemido e empurrou-me de novo para cima do sofá, deitando-se sobre mim, sem descolar os lábios dos meus. Depois, as suas mãos deslizaram por baixo do meu top e, antes que eu desse por isso, cobriam-me os seios. O beijo estava a tornar-se mais intenso a cada instante. Ao senti-lo beliscar-me os mamilos com a ponta dos dedos, arfei e arqueei o corpo contra ele.

Ele despiu-me o top com um movimento brusco e colou imediatamente a sua boca à minha. O seu ímpeto brutal e apaixonado estava a deixar-me tonta. Ainda mal conseguira recuperar o fôlego quando ele me começou a chupar um mamilo, passando depois para o outro. Mesmo assim, segurei-lhe firmemente na cabeça, prendendo-a contra mim. Quando comecei a ouvir os meus próprios gemidos pensei em abafá-los, mas depois lembrei-me de que vivia sozinha. Já não corria o risco de a minha mãe me ouvir ao fundo do corredor.

Ele saiu de cima de mim e ficou deitado a meu lado. Mas, justamente quando a minha cabeça começava a arrefecer o suficiente para pensar no que ele iria fazer a seguir (e para recordar a mim própria de que tinha de parar com aquilo), ele voltou a sugar-me o mamilo, mordendo-o ao de leve, e eu voltei a perder-me por completo. Desatei a gemer e a contorcer-me, e não parei com porra nenhuma.

Ele pousou a mão aberta sobre o meu estômago e fê-la deslizar por debaixo do elástico das minhas calças de ioga e por dentro das minhas cuecas. Senti os seus dedos procurarem o meu sexo. Assim que o encontraram, ele mergulhou abruptamente um dedo grande e longo dentro de mim. Quase me vim. Isto antes de ele começar a movê-lo, numa massagem sensual.

Estava a apaixonar-me por ele.

Merda. A ideia era preocupante. *Notícia de última hora, Kate: isto não vai dar em nada.*

Tirei-lhe a mão de dentro das minhas cuecas e afastei-me dele, colocando um braço sobre os seios nus por puro reflexo. *É um bocadinho tarde demais para esses pudores, génio.* Olhei em redor à procura do meu top e vi-o caído no chão, junto do sofá. Enfiei-o rapidamente pela cabeça, e voltei a sentar-me direita no sofá. Tudo isto sem olhar para ele. *Vamos lá miúda, coragem.*

Virei-me e encarei-o. Os seus olhos continuavam ardentes e eu percebi que ele ainda estava ofegante, pelos movimentos do seu peito. Estava com ar de que ainda não pusera totalmente de parte a ideia de ir mais longe. Porém, instantes depois, passou a mão pelo cabelo e suspirou.

— Merda. Desculpa. Não devia ter feito isto — disse ele.

— Não peças desculpa. Ambos parecemos ter dificuldade em conter-nos. Mas eu não posso permitir que isso aconteça. Não contigo — disse eu.

— Por instantes tudo parecia estar a acontecer naturalmente.

— Eu sei.

— Estou a pensar que talvez tenha sido demasiado precipitado ao recusar a tua oferta, quando me sugeriste que fossemos amigos coloridos. — Dirigiu-me um sorriso, mas os seus olhos continuavam a refletir a intensidade do momento.

— Não. Tenho a certeza de que estavas certo quando disseste que eu não era mulher para dar quecas inconsequentes. — Prendi uma madeixa do meu comprido cabelo castanho por trás da orelha. — Adam... — Pausa. *Desembucha, Kate.* — Já deves ter percebido que eu estou a apaixonar-me por ti. E que, se isso acontecesse entre nós, se eu dormisse contigo, eu iria perder-me e tu acabarias por me partir o coração.

Ele estava de novo com um ar triste e estoico.

Mesmo correndo o risco de que tudo se repetisse, voltei a pegar-lhe na mão.

— Eu sei que significo algo para ti, algo que nem sequer tu entendes completamente. Sei que não me queres magoar, mas dormir contigo seria devastador para mim, porque eu iria apaixonar-me por ti e tu não irias corresponder-me. Não poderias fazê-lo. Não podes

querer realmente dormir comigo, pois sabes que eu iria sair magoada, e tu não queres que isso aconteça. — Baixei os olhos para as nossas mãos e senti as primeiras lágrimas arderem-me nos olhos. — Por seres quem és — disse eu, levantando os olhos para ele. — Apesar dessa carapaça rija, és um doce por dentro — disse eu, espetando-lhe o indicador no peito. Depois sorri-lhe, mas sabia que ele reparara nos meus olhos marejados de lágrimas.

Ele acenou com a cabeça.

— Quem me dera... — começou por dizer, mas depois emudeceu. Eu esperei.

Ele voltou a tentar.

— Quem me dera ser diferente.

— Eu até gosto de ti como és.

Ele fez um gesto compreensivo.

— Eu não posso ser tua amiga — afirmei, brandamente. — Porque não continuaste a ser o sacana arrogante e distante que queria levar-me para a cama por eu ser comprometida?

Ele sorriu.

— Ah, mas eu continuo a ser esse homem.

Eu ri-me, mas abanei a cabeça.

— Preciso apenas de me lembrar de que tu não és *apenas* isso, e ficarei bem.

— Eu *não* sou apenas isso.

— Eu sei. Mas tens desempenhado bem esse papel.

Ele lançou-me um olhar, como se fosse dizer qualquer coisa, mas depois mudou de ideias, e continuou a observar-me de uma forma que me estava a deixar nervosa. Decididamente eu não respondia pelos meus impulsos na presença dele.

— Talvez seja melhor ires-te embora.

Por instantes achei que ele não iria dar-me ouvidos, mas depois levantou-se e encaminhou-se para a porta. Eu segui-o. Ele parou junto da porta e virou-se para mim.

— Adeus, Kate.

Olhei para aquele rosto lindíssimo e orgulhei-me por ter conseguido, ainda assim, afastá-lo de mim e resistir-lhe, antes de perder por

completo a cabeça. Porque, pelo menos, ainda não perdera a cabeça, creio eu.

Coloquei os braços à volta da cintura dele, e abracei-o com força durante alguns instantes. Ele fez o mesmo. Eu recuei e ele largou-me.

— Adeus, Adam.

Instantes depois saiu e fechou a porta atrás de si. Eu encostei a testa aos painéis frios de madeira da porta e comecei a chorar. Creio que iria chorar durante algum tempo.

*

Por volta do meio-dia já tinha parado de chorar, o que considero uma vitória. Telefonei à Logek e pedi-lhe que viesse ter comigo. Ela não fez perguntas, disse-me apenas que chegaria dentro de uma hora. Eu tomei um duche, arranjei o cabelo e maquillei-me. Quando terminei, olhei para o espelho.

Sempre que choro os meus olhos parecem demasiado claros, porque contrastam com o vermelho em redor. Digamos que estava com uma aparência estranha. Não tipo zombie, felizmente, mas andava lá perto. A maquilhagem ajudava, mas não fazia milagres.

A Logek bateu duas vezes à porta e entrou. Quando chegou à casa de banho, eu estava a guardar os cosméticos e a desligar o ferro de alisar da tomada.

Ela olhou-me e fez beicinho.

— Ui, ui. O que se passa, Kitty Kat?

— Eu estou bem.

— Estiveste a chorar.

Pois é. Qualquer pessoa que me conhecesse bem dava por isso.

— Acabei com o Adam — disse eu, acenando resolutamente com a cabeça.

Ela sorriu, com um ar divertido.

— Acabaste com o teu *amigo*? — Eu voltei a acenar com a cabeça.

— E como reagiu ele?

— Bom... por pouco não dávamos uma queca no sofá.

— E? — perguntou ela, num tom de voz sonoro e animado.

— E eu travei a coisa. É que já estou caidinha, mesmo sem intimidade e a queca escaldante. Imaginas como ficaria se dormisse com ele.

— Como sabes que seria escaldante?

Eu olhei-a como quem diz: *que pergunta mais estúpida.*

Ela ergueu ambas as mãos.

— Está certo. E disseste-lhe porque estavas a pôr fim à coisa?

Eu acenei-lhe com a cabeça.

— Não há qualquer hipótese de continuar amiga dele e não acabar completamente...

A Logek acenou com a cabeça, concordando com a minha frase por terminar.

— Portanto, minha amiga — disse eu, erguendo o queixo —, estamos a salvar-nos oficialmente de nós próprios. E como nenhum de nós parece ter um pingo de bom senso, decidimos impedir-nos mutuamente de saltar para a fogueira.

— Bom, pelo menos conseguiste ver-te livre do teu problema. Eu não consegui fazer isso.

— Dormiste com ele desde que saíste daqui, há 11 horas?

— Não.

— Aí tens. És uma história de sucesso.

— Devo ir jantar com ele hoje à noite.

— Eu vou contigo.

Creio que a Logek se sentiu, por instantes, capaz de me estrangular. Felizmente passou-lhe depressa.

— Está bem. O Derek não vai estranhar que tu queiras ir jantar comigo.

— Posso levar alguém?

— Quem?

Era uma pergunta um pouco parva. Havia apenas duas possibilidades, e eu continuava a reear acabar com contrato assinado se passasse uma noite com o Jonathan.

— O Dave?

— O que quer ele?

— Não faço ideia.

- Achas que ele quer mesmo ter uma relação?
- Persistência não lhe falta, mas é perfeitamente possível que seja tudo fingido. Vá-se lá saber.
- Mas tu costumavas ser ótima a detetar mentiras.
- Pois costume, mas isso não quer dizer que seja sempre.
- Ele trata-te, sem dúvida, como se fosses namorada dele.
- Quer eu queira, quer não.
- É totalmente o oposto do Adam.
- A quem o dizes.
- Então, se amas o Adam, pelo menos um pouco, calculo que *não* estejas apaixonada pelo Dave, certo? — perguntou ela.
- Não, não estou. Embora em certos momentos me pareça que estou a começar a *gostar* dele. É alto, bem-parecido, tem um bom emprego...
- E adora-te...
- Ou é ótimo a fingir que adora.
- E tem um jeitinho especial para te tirar completamente do sério.
- Ah, é verdade — disse eu. — Às vezes esqueço-me disso.
- Mas também te faz sorrir.
- Só de pensar nisso dei, de facto, comigo a sorrir, e soltei uma gargalhada.
- Lá isso é verdade. Quando não se porta como um fedelho mimado.
- Tens falado com o Jonathan?
- Eu abanei a cabeça.
- Talvez fosse boa ideia levares o *Jonathan* hoje à noite. Assim, enquanto nós nos lamentamos por tudo ter acabado mal com a luz dos nossos olhos, eles tentam cortejar-nos e atrair-nos de novo para a sua teia.
- Eu dei uma gargalhada.
- Cortejar-nos? Parece-me tentador, mas creio que o Dave é a escolha mais fácil. É menos complicado. Não me importo que as coisas deem para o torto com ele, como tem acontecido ultimamente com tudo na minha vida.

— Pois. É o único que não te pode magoar, por não gostares dele o suficiente. Não me parece grande base para uma relação.

— Bem visto. Mas eu até poderia começar a gostar dele. Quer dizer, não é totalmente improvável que o Dave acabe por mexer comigo.

— Nessa altura, deixará de ser a escolha menos complicada.

— Sou bem capaz de derreter aquele icebergue, se me der na veneta.

— Assim é que é falar.

— Só sei que hoje consegui pôr um ponto final numa relação bastante complicada e estou exausta. Não consigo imaginar-me a passar a noite com o Jonathan... Não tenho energia para isso.

— Por mim tudo bem. Vendido à aposta mais baixa.

Eu fiz-lhe uma careta. Bem que a merecia.

*

Eu e o Dave estávamos a caminho do restaurante para nos encontrarmos com a Logek e com o Derek. Quando nos aproximámos do local, ele começou a olhar em redor, à procura de lugar para estacionar. Eu jamais conseguiria estacionar aquele monstro entre dois carros — bem basta as dificuldades que tinha com o meu pequeno carro — mas ele estacionou facilmente, num lugar apertado, praticamente sem espaço à frente nem atrás. Não creio que fizessem lugares de estacionamento para carrinhas daquele tamanho.

Eu virei-me e olhei para o veículo de trás, por cima do ombro.

— Ficou bem apertadinho — disse eu.

— É mesmo assim que eu gosto — respondeu ele.

Eu revirei os olhos.

— Encantador.

— Podes ter a certeza de que sou.

Eu não tinha resposta para aquilo, por isso limitei-me a sair da carrinha. Assim que fui ao encontro dele, do outro lado, ele deu-me imediatamente a mão, com um sorriso.

— Estás muito bem-disposto — disse eu.

— Tu convidaste-me para sair. Ainda por cima, para um encontro a quatro com os teus amigos. Claro que estou bem-disposto.

Eu ri-me.

— Acalma-te. Não ganhaste uma noite com os Backstreet Boys. Só comigo.

— Então fiquei a ganhar.

Ui. Que meloso. O homem era demasiado lamechas e estava a começar a dar-me dores de cabeça.

Entrámos no restaurante e dirigimo-nos para a mesa onde a Logek e o Derek estavam já sentados. Eu apresentei rapidamente o Derek e o Dave, e todos nos sentámos. Ver a Logek e o Derek sentados um ao lado do outro, ambos louros e incrivelmente bonitos, era um pouco como olhar para uma *Barbie* e um *Ken*. O Derek tinha o cabelo pelos ombros, estava em muito boa forma e tão irritantemente perfeito como quando enganara a Logek e violara o contrato entre ambos. Hoje à noite, porém, só pareciam ter olhos um para o outro.

— Tomámos a liberdade de pedir uma garrafa de tinto e outra de branco. Espero que estejam de acordo — disse o Derek, quando o empregado voltou à mesa e começou a abrir as garrafas. Depois, verteu um pouco de vinho no copo do Derek, para a tradicional prova, e esperou que ele o aprovasse. O Derek bebeu um gole do vinho, um pouco constrangido, e acenou com a cabeça ao empregado. Pelos vistos, abominava o ritual tanto quanto eu. O vinho teria de ser péssimo para eu o mandar para trás. Era como se estivesse debaixo de um holofote, enquanto o empregado esperava que eu o provasse.

Depois de nos servir o vinho a todos, o empregado disse-nos que nos daria uns minutos para olharmos para o menu, e foi-se embora.

Senti alguém tocar-me ao de leve no ombro e virei-me, deparando-me com um rosto familiar que me sorria. Um rosto másculo, de barba muito bem aparada... bolas! Era-me familiar porque era o traidor do companheiro do nosso cliente Mario, que me esmurrara (sem querer) no meu primeiro dia de trabalho quando tentava desastrosamente esmurrar o companheiro. Nota pessoal: quando se está numa sala a negociar uma violação de contrato com um casal furioso, devemos estar sempre preparados para nos defendermos.

— Dra. Shaw, certo?

— Hum... sim. John?

O John acenou, estendeu-me a mão e eu apertei-a. Aquilo infringia todas as regras. Falar com a advogada adversária, representante do companheiro? Altamente irregular.

O John apontou para um homem atraente, de aparência árabe, que vinha a seu lado.

— Fared, esta é a advogada que o Mario esmurrou.

Eu devo ter ficado de queixo caído depois da apresentação. *Pois é John, mas isso foi depois de tu admitires que andavas a comer este tipo.* Agora já todos sabemos o que se passou.

— Ainda bem que não provocou nenhum dano irreversível num rosto tão belo — disse o Fared, num tom de voz grave. Uau. O Mario e o John não estavam a brincar. O Fared era um homem lindíssimo. Olhou por cima do meu ombro e os seus olhos detiveram-se no Dave. — Você não é o Dave Hunter?

O Dave entrou imediatamente em modo televisivo, levantou-se, todo sorridente, e apertou-lhe a mão.

— Só vejo o canal 40 por sua causa — disse o Fared. Hum... Estaria o radar gay do Dave suficientemente apurado? Será que o entenderia como um comentário sedutor, ou encararia simplesmente o Fared como um entusiasta de desporto pesado?

O Dave estava com uma expressão inescrutável, mas apontou para a mesa ao lado, e perguntou-lhes se queriam juntar-se a nós. Raios me partam.

Todos os meus alarmes de advogada novata dispararam.

— Desculpem, meus senhores — disse eu, de mãos erguidas, para que todos parassem onde estavam —, mas não podemos socializar. — Olhei para John. — Você está representado e eu sou, de certa forma, a advogada oponente. Não devemos falar, de todo, sem que a sua advogada esteja presente.

— OK — disse o John —, eu compreendo. Na verdade, pensei que depois de esmurrar a sua própria advogada ele tivesse decidido chegar a acordo, em vez de arrastar isto durante mais tempo.

Eu encolhi os ombros. *Não posso ter essa conversa consigo, John. Creio que tinha deixado isso bem claro.*

— Você não apresentou queixa depois de ele a deixar inconsciente?

— Ele não me deixou *inconsciente*.

— Quando eu saí, você ainda estava deitada no chão.

Eu retraí-me. *Francamente, John, um pouco de tato. Informe-se.*

— Eu estava bem. Foi um acidente.

— Bom, esmurrá-la a si foi, de facto, um acidente.

Suspirei.

O John inclinou-se para mim e baixou a voz:

— Talvez seja melhor dizer-lhe que, se ele não desistir deste caso e não renunciar à indemnização por violação do contrato, eu vou ao Ministério Público e digo-lhes que quero apresentar queixa por agressão, uma vez que era a *mim* que ele estava a *tentar* agredir.

Eu levei o dedo ao canto do olho, onde já começava a sentir tremores.

— Isso pode ser considerado extorsão — disse-lhe eu, com a voz o mais calma possível.

O John franziu o sobrolho ao ouvir a palavra *extorsão*, como qualquer pessoa normal.

— Bom, eu estou apenas a dizer...

Eu interrompi-o. A situação estava a descontrolar-se.

— *Não* o diga, John. *Nós* não podemos falar. Isto é altamente inconveniente.

Ele deixou escapar um gemido de insatisfação, deu meia-volta e afastou-se. O Fared lançou um último olhar demorado ao Dave, sorriu-me e atravessou o restaurante atrás do John.

Eu fitei os meus companheiros de mesa de olhos muito abertos. Depois, virei-me para o Dave e disse-lhe:

— Se alguma vez te parecer que conheço alguém através do meu trabalho, agradeço que *não* voltes a convidá-los para se juntarem a nós.

— Desculpa, linda. Acho que o fiz sem pensar. — Esticou-se e pegou-me na mão pousada em cima da mesa.

A Logek estava com um sorriso nos lábios.

— Ainda bem que enveredaste por direito matrimonial. Nunca foi tão divertido trazer-te à rua.

*

Duas horas depois, o Dave estava a estacionar em frente ao meu apartamento.

— Foi divertido — disse ele.

Tínhamos, de facto, passado um bom bocado. Entendemo-nos todos muito bem. O Dave e o Derek eram ambos divertidos, e o Dave fora apenas um pouquinho insuportável durante a noite, o que foi positivo.

Ele inclinou-se para mim e começou a beijar-me, mas eu virei ligeiramente o rosto, antes que ele fosse longe demais. O Adam estava ainda demasiado presente na minha memória, para eu beijar outro homem naquela noite. Depois de eu virar a cara, ele começou a percorrer-me a linha do maxilar com beijos e sussurrou:

— Talvez fosse melhor entrarmos.

Péssima ideia.

— As coisas tendem a aquecer rapidamente quando estamos sozinhos, Dave.

— Hum-hum — murmurou ele, continuando a trilhar a sua rota sensual até à minha orelha, antes de passar ao pescoço.

— Dave — disse eu, recuando ligeiramente.

Ele suspirou.

— Eu sou louco por ti, Kate, mas não posso esperar a vida inteira.

Aquilo provocou-me uma sensação de desconforto difícil de identificar... Senti-me, de uma só vez, pressionada, ameaçada e lisonjeada. Basicamente, irritou-me.

Olhei para ele de cabeça inclinada.

— Perdão? Acho que não te estou a implorar que passes tempo comigo. Se não estás a conseguir o que queres, és livre de fazer o que muito bem entenderes, com quem quiseres. Julgava que não tinha de te recordar disso.

— Nesse caso, parece que o feitiço se virou contra o feiticeiro, porque eu só quero estar contigo — disse ele, semicerrando os olhos azuis.

Eu arqueei ligeiramente as sobrancelhas.

— Deve estar a irritar-te imenso encontrares uma mulher imune aos teus encantos, não é?

Ele franziu o sobrolho.

— Primeiro: tu não és *imune* aos meus encantos, e segundo, podemos parar com esta conversa? Sim, eu queria levar-te para a cama, mas fui bastante claro desde então ao dizer que o que sinto por ti é bem real.

— Não faço ideia do que entendes por «real», Dave.

Ele abanou a cabeça com um ar melindrado, o que me fez sentir mal.

— Desculpa. O meu comentário foi desnecessário — disse eu, pousando a minha mão sobre dele. — Mas não me venhas com essa do «não posso esperar a vida inteira». Não gostei.

— Está bem. Peço desculpa.

Eu saí da carrinha. Quando cheguei à porta principal, já ele se tinha ido embora.

Depois de me enfiar na cama, fiquei a olhar para o teto durante cerca de uma hora. Dediquei os primeiros dez minutos de insónia ao temperamento imprevisível do Dave. O resto foi uma penosa e repetitiva reconstituição da minha manhã com o Adam. Foram bons momentos.

Num mundo onde não há casamentos, apenas contratos de sete anos, os casais não dão o nó: assinam o papel. Não existem divórcios, mas sim quebras contratuais e, por vezes, a relação simplesmente expira!

Depois de ter batido no fundo do poço, Kate deu a volta por cima e conseguiu o que queria: tornar-se advogada. Bom, perita em relações falhadas... mas pelo menos está a realizar o seu sonho. E enquanto lida com as vidas caóticas dos seus clientes — desde disputas por porquinhos-da-índia a infidelidades conjugais —, a sua carreira dá um salto. E se o trabalho de Kate é uma festa animada, a sua vida amorosa é uma montanha-russa!

Após uma pacífica relação amorosa de sete anos, Kate encontra-se no centro de um furacão de pretendentes. As suas opções são: Jonathan, o ex-companheiro arrependido, que quer reatar a relação; Dave, o apresentador de televisão com fama de *playboy*, cujas intenções são duvidosas; e, por fim, Adam, com quem tem uma química inexplicável, mas zero hipóteses, agora que ele a remeteu para a *friend zone*.

No final, Kate tem de decidir e perceber o que realmente a faz feliz. Uma escolha muito fácil, certo?

Um romance que promete riso e um leque de homens estonteantes, que a deixarão tão indecisa quanto Kate!

Leia também:



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-30-0 9 789898 917300 Ficção Romântica
--	---